



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO

Roteiro de Relatório para Bolsistas OBEDUC-Pacto

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- ⇒ Nome do bolsista: Juliana Mendes Oliveira Jardim
- ⇒ Modalidade da bolsa: () iniciação científica (X) educação básica () pós-graduação
- ⇒ Curso: PEDAGOGIA
- ⇒ Unidade acadêmica: UFPEL
- ⇒ Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento
- ⇒ Unidade acadêmica: UNICID
- ⇒ Título do projeto: PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental) - 2013-2017
- ⇒ Vigência da bolsa: 2013-2016
- ⇒ Orientador: Dra. Marta Nörnberg
- ⇒ Data: dezembro de 2013.

2 RELATO ATIVIDADES 2014

2.1 Apresentação dos objetivos atingidos.

No decorrer deste ano como bolsista de Educação Básica tinha como objetivos: participar ativamente do projeto de pesquisa OBEDUC; realizar leituras e estudos referentes à formação continuada, alfabetização, Trabalho colaborativo, interações entre alunos, desenvolvimento e processos da pesquisa acadêmica, letramento e material disponibilizado pelo PNAIC; finalizar um projeto de pesquisa próprio que estabelecesse relação com o observatório, participar de eventos na área da Educação para assim discutir e pensar sobre as pesquisas em andamento. Além desses objetivos, também atuar ativamente nas atividades de elaboração das oficinas de coletas de dados, definição do universo de pesquisa e análise dos dados do projeto de pesquisa: PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. Formação de professores e

melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental) - 2013-2017.

2.2 Descrição das atividades realizadas: estudos.

Inicialmente realizei estudos e análise de textos, artigos, livros que abordassem os temas que precisava aprofundar o meu conhecimento, para assim poder participar ativamente do grupo de pesquisa e finalizar meu projeto de pesquisa.

Com as reuniões do grupo OBEDUC, analisei e discuti os textos que fazem parte do universo teórico do projeto de pesquisa juntamente com os estudos individuais que realizei consegui finalizar o meu projeto.

Os estudos coletivos que participei foram sobre textos referentes e citados no projeto de pesquisa. Esses estudos aconteceram com leituras individuais e após discussões e análise junto a todos os integrantes do observatório. As dinâmicas ocorreram de duas maneiras: fomos divididos em grupos; cada grupo de bolsista estudava e organizava uma apresentação do material que havia lido e o restante do grupo fazia leitura prévia do texto para que durante a apresentação pudesse realizar perguntas e reflexões sobre o texto.

Entre os estudos conjuntos gostaria de destacar a leitura e análise do livro “Psicogênese da língua escrita” de Ferreiro e Teberosky. Esse foi um trabalho árduo de leitura, fichamento e discussões em grupo que gerou uma série de aprendizagens para assim pensar e refletir sobre o processo de apropriação do SEA que é um dos focos do programa do PNAIC; por este programa ser o eixo central de nossa pesquisa, foi de vital importância o estudo e análise desta obra.

Concluimos com o estudo desta obra que o processo de alfabetização é muito complexo e que por isso durante esse processo a criança passa por diversos níveis no que se refere à aprendizagem tanto da leitura como da escrita. E esses níveis seguem um modelo de progressão. Portanto, para que o professor possa intervir de forma positiva para que o aluno avance de um nível para o outro, ele precisa conhecer essas etapas de evolução e entender o que é necessário superar dentro de cada nível para assim propor atividades e intervenções que possam ajudar a criança a progredir de um nível para o outro.

Com relação aos estudos individuais, realizei leituras e análise de textos com a temática: “trabalho colaborativo com classes das séries iniciais e formação continuada de professores”, para entender qual o papel do professor na organização e realização do trabalho em grupo nas classes de alfabetização. E se esse pode qualificar o processo de aquisição do sistema de escrita alfabético e o processo de letramento. Esta é a temática do meu projeto de pesquisa. Alguns autores que li que escrevem sobre trabalho em grupo como uma estratégia didática foram: VYGOTSKY, 1998; TUGDE, 1996; CANDELA, 2002; DAMIANI, 2000. Já com relação aos temas Alfabetização e Letramento estudei os seguintes autores: CAGLIARI, 1998; FREIRE, 1982; FERREIRO, 2003; FERREIRO, E. ; TEBEROSKY, 1991; RANGEL 2009. As obras apresentadas acima são autores que aprofundei os estudos que haviam sido iniciados no final de 2013. Neste ano, 2014, além de aprofundar estes, li e estudei também os seguintes autores: COSTA, 2005; DAMIANI 2008; MOYSÉS, 1998; SALVADOR, 1994; COLAÇO, 2004; Estes autores escrevem sobre a importância do trabalho realizado em grupo numa perspectiva colaborativa. Com relação à temática alfabetização e letramento, este ano estudei os autores: CARRETERO, 1997; KRAMER, 2002; SALVADOR 2000. Estes autores procuram entender e descrever como ocorrem os processos de aprendizagens.

O terceiro objetivo como bolsista BEB-OBEDUC era concluir e executar um projeto de pesquisa. Finalizei a escrita deste projeto que tem como título: “Trabalho colaborativo: qual o papel do professor como organizador e facilitador na prática pedagógica?” (Anexo 1). A finalização deste projeto só foi possível através da apresentação e análise do mesmo durante reuniões de pesquisa do grupo OBEDUC e após muitas reescritas.

Neste momento, com relação ao meu projeto de pesquisa, estou analisando os primeiros dados coletados, que foram as filmagens de intervenções realizadas com alunos do primeiro ano, com foco em uma proposta de trabalho colaborativo. Preparo a análise fazendo uso de uma tabela que mostra em quais as atividades propostas pelo professor proporcionam um nível de colaboração maior.

O quarto e último objetivo deste relatório é descrever minhas atividades com relação a minha atuação na pesquisa principal. Neste momento da pesquisa já discutimos e definimos como será a segunda oficina de coleta de dados. Realizamos a segunda coleta. A segunda coleta foi realizada novamente no Colégio Municipal Pelotense, escola na qual trabalho como professora do primeiro ano do Ensino Fundamental. Também foram realizadas coletas em outras escolas de Pelotas e em duas escolas de Porto Alegre.

Nestas coletas, por ser professora da Educação Básica, não pude estar presente durante as aplicações, mas participei da discussão e apresentação das mesmas e pude contribuir junto ao grupo com sugestões de intervenções e posturas dos aplicadores, já que possuo prática pedagógica com crianças do ciclo de alfabetização.

2.3 Indicação de eventos e participação em atividades de formação realizadas vinculadas ao projeto

No decorrer deste ano participei de momentos importantes de aprendizagem que foram as participações em eventos.

Em julho, participei do Seminário Integrador dos Observatórios de Educação – Letramento e Numeramento na Educação Básica, que ocorreu na própria Faculdade de Educação (UFPel). Nesse evento, tivemos a oportunidade de conhecer os trabalhos de outros observatórios e apresentar nossos projetos de pesquisa, em forma de banner. Foi um momento em que podemos ver as potencialidades e dificuldades de nossos projetos.

Durante o evento, os palestrantes foram muito bem escolhidos e abordaram temas variados e muito relevantes, como o IDEB, Literatura Infantil e o ensino da Matemática. Esse último tema sendo também abordado em uma oficina oferecida pelo professor Dr. Antônio Mauricio Medeiros Alves, onde trabalhamos com material dourado, material de contagem e resolução de problemas matemáticos. Essa oficina foi um momento muito importante para mim, pois consegui visualizar na prática como aplicar e pensar conceitos matemáticos como agrupamentos, contagem e operações de forma simples e objetiva para realizar com meus alunos do ciclo de alfabetização.

No decorrer deste Seminário, apresentei como pôster o meu projeto de pesquisa que na época era intitulado como: “TRABALHO COLABORATIVO: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR COMO ORGANIZADOR E FACILITADOR?” (Anexo 2)

Em dezembro deste ano participei do II Seminário Estadual do PNAIC, onde realizei duas comunicações orais de uma pesquisa com as professoras participantes do PNAIC sobre suas opiniões com relação ao programa, suas aprendizagens e o reflexo das mesmas na prática em sala de aula.

Em um dos trabalhos apresentados, fui primeira autora: “O que pensam as cursistas do PNAIC/PELOTAS (1º ANO): Teoria X Prática” (Anexo 3).

Na outra comunicação oral, fui coautora do trabalho: “O que pensam as cursistas do PNAIC/PELOTAS (1º ANO): Desafios e Possibilidades.” (Anexo 4)

A oportunidade de participar deste evento me possibilitou um momento rico de aprendizagem no qual pude perceber, pela análise dos dados coletados, como o PNAIC está chegando às alfabetizadoras e às crianças do ciclo de alfabetização. Percebi que estas notam grandes ganhos trazidos por este programa de formação continuada, expressam também seus anseios e suas dificuldades e que se sentem realizadas por já estarem percebendo mudanças em suas práticas pedagógicas.

Alguns dos eventos de que gostaria ter participado (citados no relatório anterior) não foi possível devido à dificuldade de deliberação nas escolas em que atuo. Por ser orientadora de estudos do PNAIC, preciso afastar-me da escola nos dias de formação. Como este ano as formações tiveram muitas alterações nas datas de formações, com datas próximas, ficou difícil a negociação para o meu afastamento da escola para a participação em outros eventos.

Acredito que os dois eventos em que participei foram de extrema importância, pois em ambos consegui participar ativamente de todo o processo, ou seja, me envolvi durante todo o evento, assisti a todas as palestras e divulguei minhas pesquisas em ambos os eventos.

3 PROJETANDO 2014

Em 2015 pretendo dar continuidade às atividades de estudos e coletas de dados do projeto OBEDUC-PACTO. Para isso, continuarei participando ativamente do grupo de pesquisa e contribuindo com leituras, estudos e reflexões sobre o desenvolvimento e execução do projeto: **PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental) - 2013-2017.**

Paralelo, realizarei a revisão bibliográfica, reflexões e coleta de dados do meu projeto de pesquisa, conforme descrito no projeto de pesquisa elaborado (Anexo 1).

Concomitantemente com o desenvolvimento dos projetos de pesquisa, pretendo participar de alguns eventos que são oportunidades de divulgar a pesquisa e conhecer pesquisas que estão acontecendo em locais diferentes com temáticas semelhantes a nossa para assim poder pensar e refletir melhor sobre outros pontos de vista.

3.1 Abaixo apresento alguns eventos que pretendo participar:

IV Congresso Internacional de Educação 2015: que acontecerá em Santa Maria, RS. Nos dias 6 a 9 de maio de 2015.

II Congresso Brasileiro de Alfabetização: que acontecerá em Pernambuco, Recife. Nos dias 12 a 14 de julho de 2015.

III Seminário Estadual do PNAIC-UFPEl - 2015.

4 PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS/EVENTOS DA ÁREA

Participei do Seminário Integrador dos Observatórios de Educação Letramento e Numeramento na Educação Básica, ocorrido 30 de junho e 1º de julho de 2014, na UFPEl, Pelotas, RS.

Participei do II Seminário Estadual do PNAIC-UFPEL 2014, ocorrido em Pelotas, RS, nos dias 09, 10 e 11 de dezembro de 2014.

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO – CAPES/OBEDUC

TRABALHO COLABORATIVO: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR COMO
ORGANIZADOR E FACILITADOR NA PRÁTICA PEDAGÓGICA?

JULIANA MENDES OLIVEIRA JARDIM

Bolsista: BEB-OBEDUC/CAPES

1. Tema do Projeto:

Este projeto de pesquisa tem como objetivo responder a seguinte questão: Qual é o papel do professor como organizador e facilitador do trabalho colaborativo na prática pedagógica?

2. Resumo:

Este texto apresenta um projeto de pesquisa que busca analisar, discutir e entender o papel do professor enquanto organizador e responsável pelo sucesso do trabalho colaborativo. Sabendo que o trabalho com grupos colaborativo qualifica o processo de aprendizagem dos alunos durante o processo de aquisição da escrita, é interessante nos perguntarmos por que ele nem sempre é utilizado pelos docentes e o que é necessário para que esta prática atinja níveis elevados onde o colaborar e aprender com o colega também é objetivo de toda e qualquer atividade.

O trabalho toma como base a análise de uma turma, em processo de alfabetização, na qual a professora desenvolve um trabalho sistemático com os alunos organizados em grupos colaborativos. Nesta turma, a colaboração é objetivo central durante a realização das atividades pedagógicas. A turma escolhida é a turma na qual leciono. Após estudar os benefícios trazidos pelo trabalho em grupo, percebi que para que este alcance níveis elevados e realmente beneficie o processo de aprendizagem dos alunos é necessário que o professor saiba organizar e desenvolver este trabalho junto aos educandos. A pesquisa se caracteriza por ser um estudo de caso que tem por objetivo entender e apresentar possibilidades de se conduzir o trabalho com grupos colaborativos de forma que este alcance os níveis mais elevados da colaboração. (MOYSÉS, 1997).

Como instrumentos de coleta de dados, será feita a coleta de produções escritas das crianças antes, durante e após os estudos, entrevistas semiestruturadas com as crianças, diário de campo e filmagens de situações em sala de aula durante a aplicação e condução de atividades que tenham como foco a organização do trabalho colaborativo. Os dados serão analisados por meio de análise temática (MINAYO, 1993).

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho colaborativo – prática pedagógica - interação entre alunos – aquisição da escrita.

3. Delimitação do tema:

Este estudo consiste verificar a importância da aplicação, de forma sistemática, do trabalho em grupo numa perspectiva colaborativa, para identificar como o professor organiza e realiza intervenções produtivas para o sucesso do mesmo para que este trabalho facilite e colabore com o processo de aquisição da escrita de seus alunos. Já que cabe ao professor a

função de organizar, planejar e facilitar o desenvolvimento de uma cultura de colaboração em sua sala de aula.

Seu desenvolvimento articula-se em torno de três eixos:

1º Eixo: Mapeamento em periódicos científicos e de revisão bibliográfica sobre estudos que teorizam sobre a importância do trabalho colaborativo para o processo de aprendizagem dos alunos em processo de alfabetização. Análise de estudos sobre como organizar e trabalhar com os alunos organizados em grupos numa perspectiva colaborativa.

2º Eixo: Criação e/ou adaptação de propostas didáticas contendo atividades que facilitem o trabalho em grupo, numa perspectiva colaborativa, tendo como foco o agir do professor para criar situações e intervenções que irá qualificar o trabalho em grupo como uma prática importante que auxilia no desenvolvimento de atividades que contemplem o sistema de escrita alfabética e o letramento para serem aplicadas com alunos do 1º ano do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental), a fim de favorecer e/ou consolidar a aquisição da escrita dos alunos. Visa também favorecer situações que auxiliem os alunos a vivenciarem contextos de cultura colaborativa na qual o aprender com o outro é um dos objetivos centrais do trabalho.

3º Eixo: Aplicação das sequências didáticas, de forma sistemática, em uma turma do Ciclo de Alfabetização, de forma a verificar a evolução na aquisição da escrita dos alunos desta turma.

4. Justificativa:

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de buscar meios e estratégias que facilitem e qualifiquem as práticas docentes desenvolvidas durante o processo de aquisição da escrita dos alunos. Diferentes pesquisas indicam o trabalho em grupo como uma forma de prática pedagógica que pode qualificar o processo de aprendizagem dos alunos. Sendo este tão proveitoso, é curioso nos perguntarmos por que ele muitas vezes não é utilizado pelos professores que trabalham com classes de alfabetização já que muitas pesquisas mostram que o processo de aquisição do sistema de escrita alfabético é complexo e exige uma série de abstrações e relações. O trabalho em grupo, quando bem planejado e

organizado pode facilitar, aprimorar e consolidar o processo de aquisição da escrita dos alunos do Ciclo de Alfabetização (1º ano, do Ensino Fundamental).

Após realizar algumas pesquisas que investigavam os benefícios do trabalho colaborativo (Oliveira, 2006), percebi que o fato dos alunos trabalharem em grupos sistematicamente não garante que ocorra a colaboração efetiva, aonde o aprender com o outro também é objetivo de toda e qualquer atividade proposta em grupo. Foi através de minha prática docente que percebi que para que o trabalho colaborativo ocorra é preciso que o professor seja um modelo para os alunos do como eu auxilio meu colega para que ele de fato seja beneficiado em seu processo de aprendizagem e como o professor deve realizar intervenções produtivas durante a realização das atividades de modo a fazer com que os alunos entendam e valorizem os saberes uns dos outros.

Por fim, esta pesquisa justifica-se pela constante necessidade de se entender como acontece o processo de formação docente que vai além da formação inicial do professor. O ser professor se constitui diariamente no momento em que o educador pensa e analisa sua prática relacionando ela com a teoria. Quando o professor reflete sobre questões como - O que aconteceu com o meu grupo de educandos durante o desenvolvimento desta atividade para que ela desse certo ou não? - ele está repensando e reorganizando o seu fazer pedagógico e entendendo suas ações-. Foi em busca desta minha construção como educadora que surgiu o interesse em realizar esta pesquisa para que através dela entendesse minha própria prática e fornecesse a outros docentes maneiras de se pensar e conduzir o trabalho colaborativo de forma que esse seja um facilitador no processo de ensino e aprendizagem.

5. Objetivo geral:

Compreender qual o papel do professor e como ele pode organizar e facilitar o trabalho colaborativo na prática pedagógica conduzida em classes do ciclo de alfabetização.

6. Objetivos específicos:

6.1. Identificar situações que são organizadas e facilitadas visando o trabalho colaborativo na prática pedagógica.

- 6.2. Planejar/ou adaptar, analisar e avaliar sequências didáticas que tenham como objetivo desenvolver o sistema de escrita alfabético e o letramento com foco na aprendizagem através das interações entre os pares, para serem aplicadas com alunos do Ciclo de Alfabetização (1º ano do Ensino Fundamental), a fim de favorecer e/ou consolidar a aquisição da escrita dos alunos.
- 6.3. Pensar e planejar intervenções pedagógicas que o professor deve utilizar durante a aplicação das sequências citadas acima. Essas intervenções terão como objetivo o estímulo e valorização do aprender com o outro e da partilha de saberes.
- 6.4. Analisar as propostas de sequências didáticas e intervenções criadas e/ou adaptadas, juntamente com professoras alfabetizadoras, de forma a fazer as modificações necessárias para a aplicação das mesmas na turma do Ciclo de Alfabetização. As alfabetizadoras são: as professoras envolvidas no OBEDUC e o meu grupo de professoras alfabetizadoras do PNAIC já que este grupo se constitui inteiramente de professoras que trabalham com classes de 1º ano do ensino fundamental.

1. Referencial teórico:

O presente texto está organizado da seguinte maneira: primeiramente apresentarei alguns autores que vem pesquisando a respeito dos temas que sustentam este projeto, procurando discutir e analisar duas questões: como a criança aprende? Como alfabetizar? Após, irei descrever como acontecerá à pesquisa e a organização da mesma.

7.1 COMO A CRIANÇA APRENDE?

A teoria Piagetiana (CARRETERO, 1997) diz que o conhecimento é construído e não simplesmente transmitido. A grande contribuição de Piaget (CARRETERO, 1997) é que ele traz uma mudança de paradigma. Na Educação tradicional, o professor e o método são o centro do processo de aprendizagem, mas, para Piaget, o aluno é o centro, ou seja, o como o aluno aprende passa ser a ideia central para todo o processo de ensino e aprendizagem. Para Piaget (PIAGET apud CARRETERO, 1997), o conhecimento não é uma cópia da realidade. Ele defende a ideia de que o sujeito constrói seu conhecimento através de processos entre eles o de assimilação e acomodação.

Com base nos estudos de Piaget (PIAGET apud CARRETERO, 1997), acredito que o conhecimento precisa ser construído pelo aluno. Este processo deve ser realizado a partir do concreto, colocando a criança em situações problemas, que façam com que a criança entre em conflito cognitivo, porque é esse conflito que fará com que ela avance em seu desenvolvimento e aprendizagem, para que assim possa construir seu próprio conhecimento.

Ao aprofundar meus estudos sobre a teoria de Piaget através da análise dos textos de Kramer, 2002; Carretero, 1997; percebi que a teoria de Piaget não explicava todas as minhas indagações sobre o como a criança aprende e vi também alguns pontos nos quais não concordava com ele. O principal ponto, no qual discordo de Piaget, é a ideia que ele traz de que, é o desenvolvimento que gera a aprendizagem, ou seja, conforme a criança avança nos estágios, mais aprendizagens poderão ser abstraídas. Porque, para ele,... *é o momento do desenvolvimento da criança que determina que ela internalize ou não aquele dado que vem de fora.* (KRAMER, 2002, p.120).

Em contraposição a esta ideia, acredito, assim como Vygotsky, que a aprendizagem pode gerar o desenvolvimento do aluno e que o papel do professor é fundamental para esse desenvolvimento, porque age como um mediador entre o conhecimento e o sujeito:

... o papel do outro (adulto ou criança) é fundamental para constituição da consciência. Esse papel é exercido pela linguagem, então a gente não nasce com os sentidos e os significados já construídos e não os constrói apenas na relação com o objeto. (KRAMER, 2002, p. 121).

Além desta contribuição, Vygotsky trouxe-me outras, entre elas está à ideia de aprendizagem significativa (AUSUBEL apud SALVADOR 2000), que Ausubel caracteriza como sendo aquela aprendizagem que o aluno realmente compreendeu e por isso esse conhecimento ou conteúdo, que estava em processo de aprendizagem (ZDP), passa a fazer parte de sua zona de desenvolvimento real (ZDR). Para que ocorra a aprendizagem significativa é necessário que a estrutura cognitiva prévia do aluno se articule com o material ou conteúdo de aprendizagem. Para facilitar esse processo, o professor deve ajudar o aluno a construir seu mapa conceitual, mostrando a ele as teias de ligação dos conteúdos. Essa é uma maneira do professor trabalhar na zona de desenvolvimento proximal (ZDP). A ZDP é o

local onde ficam os conhecimentos que estão sendo amadurecidos, para que posteriormente passem a fazer parte da ZDR, o que pode resultar na aprendizagem significativa.

Outro autor, pós-vygotskyano, que gostaria de citar é Wells (2001 apud SALVADOR), que traz a ideia de que o professor também pode trabalhar na ZDP através da construção de uma comunidade de indagação. Acredito que o professor precisa fazer com que sua sala de aula se torne uma comunidade de indagação, ou seja, um espaço onde os alunos discutem e relacionam a teoria com a prática e também refletem sobre suas ações.

Partindo dessa concepção de como ocorre à aprendizagem, várias estratégias podem auxiliar o professor a ser um mediador durante o processo de construção do conhecimento. Entre elas está o trabalho colaborativo, partindo da ideia de Vygotsky (1998) de que o *desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem pelas interações sociais* têm-se desenvolvido algumas pesquisas que investigam a importância do trabalho em grupo, para a aprendizagem dos alunos.

Os estudos direcionados ao trabalho em grupo citam como sinônimos os termos colaboração e cooperação para designá-los, porém Damiani (2008) ao realizar uma pesquisa que tinha como objetivo entender os benefícios e desenvolvimento do trabalho colaborativo cita Costa (2005), que defende que estes dois termos tem diferença:

... embora tenham o mesmo prefixo (*co*), que significa ação conjunta, os termos se diferenciam porque o verbo cooperar é derivado da palavra *operare* - que, em latim, quer dizer operar, executar, fazer funcionar de acordo com o sistema - enquanto o verbo colaborar é derivado de *laborare*- trabalhar, produzir, desenvolver atividades tendo em vista determinado fim. (COSTA, 2005 apud DAMIANI, 2008, p.214)

Com base nestes autores (COSTA, 2005 apud DAMIANI, 2008), percebe-se que na cooperação existe uma ajuda mútua durante a execução das tarefas embora essas não sejam fruto da negociação conjunta. Já na colaboração o objetivo central é a tomada de decisão conjunta e portanto tudo deve ser discutido coletivamente. A partir desta análise conceitual, nesta pesquisa o termo colaboração descreve melhor o objetivo deste trabalho.

Dentre as investigações que estudam essa temática, encontram-se duas linhas diferentes: uma olha para as vantagens que este trabalho traz para o desenvolvimento das

funções mentais superiores e a outra que analisa os benefícios da aprendizagem de conteúdos que esta prática traz para os alunos (MOYSÉS 1997). Este projeto busca investigar a segunda temática observando os benefícios do trabalho colaborativo para o processo de aprendizagem de conteúdos.

Candela (2002) realizou uma pesquisa com crianças que se organizam de maneira colaborativa e aponta algumas vantagens da interação entre o grupo. Essa é, para ela, importante porque possibilita a construção do conhecimento. Por intermédio do confronto de ideias, surge a elaboração de novas hipóteses e isso pode resultar em uma aprendizagem mais significativa. Moysés (1997), por seu turno, argumenta que a atividade compartilhada ativa o desenvolvimento cognitivo, o que possibilita a aquisição de conhecimentos.

Candela (2002) cita três níveis de participação em um grupo: o primeiro nível, aquele em que o único objetivo dos participantes é cumprir a sua parte na tarefa; o nível intermediário, aquele em que os participantes se preocupam em se ajudar, enquanto realizam a sua própria parte da tarefa; e, por último, o nível mais elevado, aquele em que a colaboração é o objetivo da própria tarefa.

Salvador (1994) ao analisar a importância da interação grupal aponta que o trabalho colaborativo incide de forma decisiva sobre os aspectos tais como: o processo de socialização em geral, a aquisição de aptidões e habilidades, o controle dos impulsos agressivos, o grau de adaptação às normas estabelecidas, na superação do egocentrismo, a relativização progressiva do ponto de vista próprio, o nível de aspiração e, inclusive, o rendimento escolar. Em adição a essas ideias, Colaço (2004) aponta como benefícios do trabalho em grupo o fato de as crianças ensinarem e aprenderem conteúdos das matérias escolares, modalidades comunicacionais e de convivência, disciplinamentos referentes às normas de condutas sociais, características do ambiente cultural da escola, assim como desempenharem, disputarem e negociarem papéis entre elas.

Rubtsov e Guzman (apud MOYSÉS, 1997) investigaram os mecanismos psicológicos que favorecem o bom desempenho na resolução de tarefas feitas conjuntamente e concluíram que a coordenação de operações é, de fato, o principal mecanismo que leva ao reconhecimento e à solução de tarefas educacionais nos trabalhos feitos de forma compartilhada. Mas o que, de fato, vai fazer com que as crianças adquiram essa habilidade de coordenação entre as interações com seus pares? Como aprender a interagir com o outro

de maneira que os dois sejam beneficiados? Tentarei, a seguir, apresentar as respostas para essas questões.

7.2 O professor como modelo para interação entre os pares

Para que o trabalho colaborativo aconteça de uma forma mais eficaz, acredito que seja necessário que o docente tenha uma postura em sala de aula que valorize a interação, demonstrando, por meio de suas interações com os alunos, como estes devem interagir com os colegas. Em um estudo sobre professoras de sucesso, Damiani (2000), baseada nas ideias de Vygotsky (1982) sobre o trabalho na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) - onde estão localizados os conhecimentos ainda por desenvolver e que necessitam do auxílio de um mediador mais capaz - comenta a importância da prática guiada na aprendizagem. Nela, o aprendiz toma emprestado, do seu interlocutor mais capacitado, os modelos que ainda não desenvolveu inteiramente e usa-os para construir suas próprias habilidades, condutas, raciocínio e significados, podendo, assim, chegar a ultrapassar seus limites. Complementando essa ideia, aparece o trabalho de Colaço (2004), que afirma que as crianças ensinam umas as outras, tendo como modelo de referência os modos interacionais que vivenciam com o professor. Assim, quando interagem entre si as crianças, em muitos aspectos, reproduzem e recriam o modelo do professor. Segundo essa autora, as crianças "orientam, apoiam, dão respostas e inclusive avaliam e corrigem a atividade do colega, com o qual dividem a parceria do trabalho, assumindo posturas e gêneros discursivos semelhantes ao do professor". (COLAÇO, 2004 p.339). Assim, quando estão trabalhando em uma atividade em grupo, os alunos servem de andaimes uns para os outros, ou seja, colocam-se como mediadores, favorecendo o trabalho na ZDP (BRUNER, 2001 apud COLAÇO, 2004). Moysés (1997) também corrobora essa ideia, alegando que o trabalho compartilhado favorece a criação de ZDPs e o trabalho nelas.

Moysés (1997), ao citar uma pesquisa que analisa a importância do tutoramento nos trabalhos em grupos, afirma que o papel do professor consistiu em fazer perguntas e à medida que o aluno ia encontrando as respostas, compreendia a lógica da tarefa e, como consequência, ia se libertando da direção do professor. A autora comenta, ao analisar alunos que auxiliavam os professores como tutores de outros alunos, que os primeiros apresentavam as mesmas características do professor que auxiliavam.

Colaço (2004) acredita que o papel do professor e também o que é esperado do seu

modo de participação e expressão em sala de aula está contido no imaginário das crianças. Assim, dependendo da orientação do professor, há um estímulo para a participação recíproca entre os discentes, podendo os alunos também atuar como guias de outros membros do grupo.

Segundo os autores citados acima, a função do professor é estimular o intercâmbio de conhecimentos entre os alunos, servindo como um modelo de como interagir no processo de aprendizagem do outro. E pensando nestas ideias, acredito que para que os alunos aprendam as habilidades de coordenação entre pares e vivenciem interações benéficas ao processo de aprendizagem o professor precisa constituir-se como um modelo de interação e de auxílio a quem tem dificuldade. Vendo como o professor interage com os alunos, cada criança, individualmente, poderá aprender a interagir com o colega.

Os autores até aqui apresentados mostram a importância do trabalho em grupo que busca a colaboração para o processo de ensino aprendizagem, porém eles também ressaltam o cuidado que o professor deve ter ao desenvolver este trabalho, pois os benefícios para a aprendizagem só ocorrerão de maneira significativa se as interações vivenciadas pelos alunos nos grupos forem de qualidade. Por isso, o papel do professor perante a turma será de extrema importância.

Acredito ser importante aqui destacar Tudge (1996) que alerta que o trabalho em grupo e a interação com o colega não traz apenas vantagens, mas pode também causar uma regressão dependendo do nível de confiança de cada integrante do grupo. Portanto, o professor que quiser utilizar o trabalho colaborativo em sua sala de aula tem que ter um conhecimento teórico sobre o que é o trabalho colaborativo, como organizá-lo em sua turma e os riscos do mesmo.

Em síntese, tentei mostrar qual a posição epistemológica que estruturou a elaboração deste projeto. Acredito, portanto, em uma educação interacionista que valorize as ideias de Piaget e Vygotsky apresentadas anteriormente. Também acredito que a sala de aula deve ser um ambiente de indagação onde os alunos criem hipóteses, experimentem-nas, questionem-se e assim, construam uma aprendizagem significativa segundo conceitos de Ausubel. E, por fim, acredito no trabalho com grupos colaborativos porque este é uma estratégia de prática pedagógica importante para fazer da sala de aula uma comunidade de

indagação, desde que o professor conheça e valorize este trabalho como sendo um facilitador de sua prática.

7.3 COMO ALFABETIZAR?

A questão apresentada acima foi minha maior angústia ao iniciar minha prática docente. Escolhi trabalhar, após minha Graduação, em classes de alfabetização, pois o processo de aquisição da escrita é algo que gosto de estudar, porque acredito que ele afetará toda vida escolar do aluno. Cagliari (CAGLIARI, 1998) fala da complexidade linguística que envolve o sistema da escrita e pensando nessas dificuldades linguísticas, compartilho da ideia de Ribeiro (RIBEIRO, 1993) que diz que o bom alfabetizador busca mostrar possibilidades da escrita e que conhecendo os desafios cognitivos do aprendiz irá dispor de procedimentos metodológicos que facilitem sua aprendizagem.

Enquanto alfabetizadora valorizo a teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991) como princípio norteador de meu trabalho. Os testes destas autoras me ajudam a identificar os conhecimentos que as crianças já possuem sobre o sistema da lecto-escrita, para assim ver as hipóteses que elas possuem com relação à escrita e o estágio em que elas se encontram, pois é através deste conhecimento que consigo planejar e desenvolver atividades que ajudarão os meus educandos a passar de um nível para o outro durante seu processo de aquisição do sistema de escrita alfabética.

Paralelo ao processo de alfabetização, assumo o conceito de letramento, segundo a definição de Magda Soares: *“Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler ou escrever, mas também cultiva e exerce as práticas sociais da leitura escrita”* (SOARES, 1998, p. 47)

Acredito que o letramento é fundamental para que possamos formar leitores críticos, que entendem e relacionem suas leituras com suas vidas diárias. Por isso, enquanto professora do ciclo de alfabetização, portanto formadora de leitores, procuro formar leitores-críticos. Para Maria Amélia um leitor-crítico é “um leitor capaz de entrar em confronto com o texto para (re) construir o sentido (ideológico ou contra ideológico) de suas entrelinhas, na melhor tradição de Vygotsky, Lúria, etc”. (AZEVEDO, 1994, p.48).

Pensando na complexidade que envolve o ato de alfabetizar e letrar, acredito que o trabalho em grupo pode ser um facilitador para os professores que tem como tarefa apresentar o SEA a seus alunos e fazer com que eles se apropriem do mesmo.

7.4 IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA (justificativa e relevância)

Pensando em todo o referencial teórico apresentado acima, em minha prática como professora das séries iniciais e na importância que tem o trabalho com grupos colaborativos, surgiram várias questões, tais como: será que os professores sabem aproveitar as vantagens desse tipo de trabalho? Será que é suficiente apenas organizar os alunos em grupos? O que os professores pensam sobre o trabalho em grupo? Quais os critérios utilizados pelos professores ao organizarem os grupos em suas classes de alfabetização?

Sendo o Brasil um país com tantos problemas na Educação, é importante investigar formas de trabalho pedagógico, como o trabalho colaborativo, que qualifiquem o processo de ensino e aprendizagem durante a aquisição da escrita. Penso que o trabalho colaborativo pode ser uma atividade de trabalho importante para qualificar o processo de apropriação do SEA. Mas esse só trará vantagens se o professor tiver bem claro seus objetivos e a maneira que deve conduzir o mesmo.

Diferentes pesquisas, citadas acima, indicam o trabalho colaborativo como sendo de grande valia para qualificar o processo de aprendizagem dos alunos. Sendo este tão proveitoso, é curioso nos perguntarmos por que ele muitas vezes não é utilizado pelos professores que trabalham com classes de alfabetização sendo que muitas pesquisas mostram que o processo de aquisição do sistema de escrita alfabético é complexo e exige uma série de abstrações e relações. Acredito que o trabalho colaborativo, quando bem planejado e organizado, pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos.

As pesquisas que serviram de base teórica para a elaboração deste projeto sugerem que o trabalho com grupos colaborativos entre alunos pode ser um aliado para combater o fracasso escolar. Em um país com tantos problemas na área da educação, acredita-se, então, ser relevante que esse tipo de trabalho seja investigado e divulgado. Pensando na importância da formação continuada de professores, é interessante pensar e analisar práticas de sucesso que facilitam a prática docente.

2. Metodologia:

O campo empírico é composto por uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Pelotas – Colégio Municipal Pelotense – e sua professora.

A pesquisa caracteriza por ser um estudo de um caso de ensino. Tem caráter longitudinal, em um primeiro momento será feita uma revisão bibliográfica sobre o trabalho colaborativo, a importância e desafios no processo de aquisição da escrita junto com o desenvolvimento do letramento.

No segundo momento serão criadas/ou adaptadas sequências didáticas que tenham dois objetivos: atividades que proporcionem a apropriação do SEA com ênfase no letramento e planejar intervenções do professor realizar durante a aplicação desta sequência didática que tenham como foco o trabalho colaborativo. Para este momento da pesquisa a aplicação destas atividades serão gravadas em vídeos em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental.

No terceiro momento, essas gravações em vídeo, serão analisadas com objetivo de entender se os dados coletados respondem as indagações deste estudo. Durante este processo de análise o material coletado será exposto professoras alfabetizadoras (grupo OBEDUC e professoras alfabetizadoras do PNAIC), para que elas auxiliem nas adaptações e modificações que se fizerem necessárias para que as tarefas alcancem seus objetivos. Dessa maneira, tais sequências didáticas e propostas de intervenções para as docentes serão analisadas como forma de melhoria das tarefas/atividades/sequências didáticas, serão realizadas oficinas com as professoras a fim de que as mesmas possam identificar pontos negativos e analisar sua prática ao assistirem a gravação e indicar possíveis modificações.

Em um quarto momento, após todas as análises e modificações necessárias, será aplicada, sistematicamente, as sequências didáticas e intervenções com a minha turma de 1º ano do Ensino Fundamental, durante o ano letivo de 2015. Serão realizados testes segundo o modelo de Ferreira (1991) trimestralmente durante o decorrer do ano letivo, de forma a verificar o desenvolvimento dos alunos em suas hipóteses de escrita. A coleta destas escritas será um dos instrumentos desta pesquisa.

No quinto momento ocorrerá a gravação de entrevistas semiestruturadas (gravadas em áudio) com as crianças que compõe a turma investigada, essas entrevistas terão como objetivo entender como as crianças entendem que aprendem.

Ainda como instrumento de coleta de dados ainda haverá a escrita de um diário de campo que será escrito durante o desenvolvimento de toda a pesquisa.

Assim que todos os dados forem coletados, eles serão analisados para que se verifiquem os resultados obtidos. Logo, será observada a relação entre os dados obtidos com a pesquisa e os estudos feitos na revisão bibliográfica. Além de disponibilizar os vídeos para análise e modelos de como organizar o trabalho com grupos colaborativos a fim de qualificar, através dele, o processo aquisição da escrita.

Comparar os dados dos testes das hipóteses de escrita, com os vídeos, com o diário de campo e com os dados das entrevistas com os alunos de modo a verificar se a aplicação sistemática das propostas e sequências didáticas sugeridas pela presente pesquisa favorece e/ou aprimora o processo de aquisição da escrita dos sujeitos da pesquisa.

E por fim irei analisar e categorizar os dados da pesquisa segundo análise temática. (MINAYO, 1993). Divulgação e socialização dos dados da pesquisa.

3. Resultados esperados:

A partir deste estudo, espera-se que os alunos que pertencem ao grupo de sujeitos desta pesquisa tenham maior desempenho no que se refere à apropriação do sistema de escrita alfabética.

Da mesma forma, espera-se que através da divulgação e análise deste estudo mais professores do ciclo de alfabetização consigam perceber o trabalho colaborativo como um facilitador da prática docente e que através desta pesquisa reflitam sobre a importância do professor no planejamento e condução do mesmo.

4. Estratégias de disseminação dos resultados da pesquisa:

Os resultados da presente pesquisa serão disponibilizados para as professoras e para as escolas envolvidas diretamente no presente estudo e para a mantenedora (Secretaria Municipal de Educação de Pelotas) em formato digital (DVD).

Tais resultados também serão apresentados em eventos científicos na área da Educação em nível estadual, nacional e possivelmente internacional, bem como publicados em periódicos, revistas, livros da área (e de áreas a fins) em forma de artigo científico.

⇒ Indicações de leituras futura:

Organização o trabalho pedagógico; Arthur Moraes.

A Reinvenção da alfabetização; Magda Soares.

O fazer cotidiano da sala de aula.

5. Bibliografia:

ALMEIDA, G. P. **Práticas de alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 2006.

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo de Piaget e Emília Ferreiro**. Ática, 1999.

AZEVEDO, Maria Amélia et al. **Alfabetização hoje**. São Paulo: Cortez, 1994.

BEUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar/ pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis RJ: Vozes, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: scipione, 1998.

CANDELA, Antonia. Co-construcción de conocimiento en contextos escolares. **Anais da III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural**, Campinas, 2002.

CARRETEIRO, Mario. **Construtivismo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COLAÇO, Veridiana de F. Rodrigues. **Procedimentos interacionais. Psicologia reflexão e crítica**: v.17, n.3,p.333-340, 2004

DAMIANI, Magda F. **As interações ensinantes de professoras de sucesso: aprendizagem guiada e imitação**. In. ANAIS DA 23ª. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2000, Caxambu, p.1-17.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia/ saberes necessários a pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Art FERREIRO, E. e col. **Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRO, E. Os processos construtivos de apropriação da escrita. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FLÔRES, O. C. (Re)Discutindo o conceito de alfabetização e a formação dos alfabetizadores. In: TREVISAN, A.; MOSQUERA, J. J. M.; PEREIRA, V. W. (org.). **Alfabetização e cognição**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

LIMA, Adiana F. S. de Oliveira. **Pré-escola e Alfabetização uma proposta baseada em Paulo Freire e J. Piaget**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACIEL, F. I.; BAPTISTA, M. C.; MONTEIRO, S. M. (org.). **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade**. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1 MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOYSÉS, Lúcia. **Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática**. Campinas: Papirus, 1997.

RANGEL, A. P. **Alfabetizar aos seis anos**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

RIBEIRO, Vera Masagão, **Ensina ou Aprender? Emilia Ferreiro e a Alfabetização**. Campinas SP: Papirus, 1993.

SALVADOR, Cessar Coll et al. **Psicologia do Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SCLIAR-CABRAL, L. **Guia prático de alfabetização, baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Repensando as relações entre alfabetização e cognição. In: TREVISAN, A.; MOSQUERA, J. J. M.; PEREIRA, V. W. (org.). **Alfabetização e cognição**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

TUGDE, Jonathan. Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal e a colaboração entre os pares: implicações para a prática em sala de aula. In: Moll, Luis. **Vygotsky e a Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6º ed. São Paulo: Martins. Fonte, 1998.

WELLS, Gordon. Indagación **Dialógica: Hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación**. Mexico: Paidós, 2001.

ZEN, M. I.; XAVIER, M. L. (org.). **Alfabetizar: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

6. Cronograma:

ANO DE REALIZAÇÃO	2013	2014	2015	2016
Atividade				
Elaboração do projeto.	X			
Leitura e organização da fundamentação teórica.	X	X	X	
Análise das metodologias.	X	X	X	
Elaboração das atividades.	X	X		
Aplicações piloto das atividades em turmas de 1º ano.		X		
Oficinas com professores das séries iniciais para analisar as sequências didáticas que serão desenvolvidas durante a pesquisa.		X		
Aplicação das atividades por uma professora de 1º ano. (a aplicação será gravada em vídeo)		X		
Coleta de amostras de escrita das crianças expostas a tais atividades (uma coleta a cada bimestre).			X	
Escrita do diário de campo			X	
Entrevistas com as crianças			X	
Análise das coletas de escrita dos alunos			X	X
Finalização da pesquisa e elaboração dos resultados finais.				X
Análise dos relatos das professoras.				X

ANEXO 2

O QUE PENSAM AS CURSISTAS DO PNAIC/PELOTAS (1º ANO): Teoria X Prática

Juliana Mendes Oliveira Jardim

Valéria Alessandra Coelho Islabão

Isabel Silva dos Santos Teixeira

Palavras chave: Formação continuada – prática pedagógica - PNAIC

O presente trabalho busca fazer um breve relato sobre as opiniões das cursistas de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, acerca do PNAIC. A pesquisa procurou compreender como as professoras estavam vendo o curso de formação e quais os impactos deste observavam em suas práticas pedagógicas. Este relato escolhe por temática, dentre as abordadas na entrevista, a relação apontada pelas alfabetizadoras entre teoria e prática.

A investigação se caracteriza como um estudo de caso, realizado em outubro de 2014, tendo por campo empírico três turmas de alfabetizadoras, de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, que estão cursando o PNAIC e têm por orientadoras de estudo as pesquisadoras. O preenchimento do questionário aberto, contendo 11 perguntas, foi opcional e as cursistas não se identificaram. As respostas foram analisadas seguindo os preceitos da análise de conteúdos de Minayo.

As cursistas apontam que houve grandes mudanças no ensino da matemática, se comparadas suas experiências como alunas e as concepções defendidas pelo PNAIC. Percebem que viemos de um ensino mecânico, baseado na memorização e exercícios repetitivos e caminhamos em direção a um ensino onde o pensamento do aluno é valorizado. Sendo este mais ativo durante as aulas, que tem seu conteúdo com relação direta com as vivências do cotidiano do aluno, o que abre espaço para um trabalho mais integrado e interdisciplinar.

ANEXO 3

O QUE PENSAM AS CURSISTAS DO PNAIC/PELOTAS (1º ANO): Desafios e Possibilidades.

Valéria Alessandra Coelho Islabão

Juliana Mendes Oliveira Jardim

Isabel Silva dos Santos Teixeira

Palavras chave: Formação continuada – prática pedagógica - PNAIC

O presente trabalho busca fazer um breve relato sobre as opiniões das cursistas de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, acerca do PNAIC. A pesquisa procurou compreender como as professoras estavam vendo o curso de formação e quais os impactos deste observavam em suas práticas pedagógicas. Este relato escolhe por temática, dentre as abordadas na entrevista, os desafios e possibilidades apontados pelas alfabetizadoras.

A investigação se caracteriza como um estudo de caso, realizado em outubro de 2014, tendo por campo empírico três turmas de alfabetizadoras, de 1º ano, da rede Municipal de Pelotas, que estão cursando o PNAIC e têm por orientadoras de estudo as pesquisadoras. O preenchimento do questionário aberto, contendo 11 perguntas, foi opcional e as cursistas não se identificaram. As respostas foram analisadas seguindo os preceitos da análise de conteúdos de Minayo.

As cursistas relatam que o PNAIC lhes trouxe um “novo olhar” sobre a educação e a alfabetização, com alunos mais ativos em seus processos de aprendizagem, na construção do conhecimento. Declaram que devido às reflexões que fizeram sobre suas práticas, discussões e trocas com as colegas e orientadora e com as leituras dos cadernos do PNAIC, inseriram em suas aulas uma maior ludicidade, na forma de jogos e brincadeiras, assim como sequências didáticas e a interdisciplinaridade. Percebem ainda que existem desafios a serem vencidos, como a falta de tempo para planejar, pesquisar e estudar, o espaço físico desfavorável ao desenvolvimento de algumas atividades, ao armazenamento de materiais pedagógicos e a criação de um ambiente acolhedor e instigante, as turmas muito grandes, muito agitadas, muitas vezes com alunos especiais e com dificuldades de aprendizagem.